Edgar Lincoln

## CORREIO BRAZILIENSE

O ex-senador Jutahy Magalhães morreu prematuramente, dia 31 de janeiro, aos 70 anos de idade. Todo político digno, probo, incorruptivelmente dedicado ao interesse público e às melhores causas nacionais, justo, lutador, corajoso, desprendido de vaidades e ambições pessoais menores, qualquer que seja ele (como o era aquele saudoso homem público baiano) e em qualquer idade,

morrerá sempre prematuramente, porque é uma lição viva.

Conheci o então senador Jutahy Magalhães faz mais de 20 anos, quando na época assessor legislativo do Senado Federal — ele requisitava meu trabalho com freqüência para o esboço de seus pareceres, votos e discursos. Aprendi a captar sua mensagem, a entender o conteúdo e as relações lógicas de seu pensamento, homem inteligente, sensível, que se tornou estudioso e interessado por vários temas. Em toda a minha vintenária experiência em assessoramento parlamentar, poucos políticos me impressionaram tanto quanto esse eminente senador baiano.

Foi sempre uma estrela ascendente. Admirável a dimensão de sua grandeza humana. Até sua retirada da militância política foi uma decisão programada e de profunda grandeza, embora sofrida e resistida, porque tomada no momento maior de sua maturidade parlamentar, quando chegou a ser uma referência opinativa. Duas qualidades, entre outras, eram invejáveis no senador: sua capacidade de evoluir, intelectual e ideologicamente, e seu conhecido destemor, moral e físico.

A primeira pode ser reconhecida por quem tenha acompanhado sua atividade parlamentar e recorde, por exemplo, da habilidade com que ele sabia lidar com os difíceis instrumentos regimentais, no Plenário e nas comissões, e de como

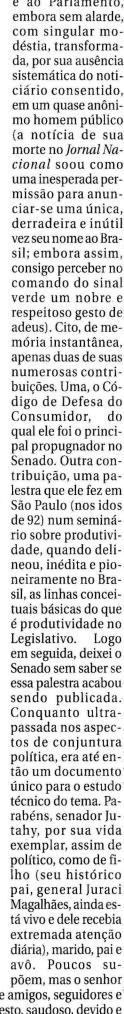
ele passou a dominar as funções e o timing dos recursos, via intervenções e apartes, no uso técnico-político do tempo regimental. Também essa qualidade pode ser identificada em seus posicionamentos, sobretudo a partir de meados dos

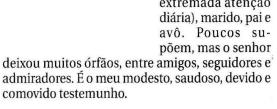
A outra qualidade é, por um lado, uma decor-

rência de sua vida eticamente incólume e ilibada; por outro, uma atávica marca familiar de coragem para enfrentar, jamais para afrontar. Homem leal para com amigos e adversários (nunca teria sido inimigo de um adverso, sabendo reconhecer neste, ainda que quase sempre inconciliavelmente, mas humana e generosamente, as qualidades que apenas na aparência poderia, se

fosse o caso, fingir

desconhecer). Deu inestimável contribuição ao país e ao Parlamento, embora sem alarde, com singular modéstia, transformada, por sua ausência sistemática do noticiário consentido, em um quase anônimo homem público (a notícia de sua morte no Jornal Nacional soou como uma inesperada permissão para anunciar-se uma única, derradeira e inútil vez seu nome ao Brasil; embora assim, consigo perceber no comando do sinal verde um nobre e respeitoso gesto de adeus). Cito, de memória instantânea, apenas duas de suas numerosas contribuições. Uma, o Código de Defesa do Consumidor, do qual ele foi o principal propugnador no Senado. Outra contribuição, uma palestra que ele fez em São Paulo (nos idos de 92) num seminário sobre produtividade, quando delineou, inédita e pioneiramente no Brasil, as linhas conceituais básicas do que é produtividade no Legislativo. Logo em seguida, deixei o Senado sem saber se essa palestra acabou sendo publicada. Conquanto ultrapassada nos aspectos de conjuntura política, era até então um documento único para o estudo técnico do tema. Parabéns, senador Jutahy, por sua vida exemplar, assim de político, como de filho (seu histórico pai, general Juraci Magalhães, ainda está vivo e dele recebia extremada atenção diária), marido, pai e avô. Poucos supõem, mas o senhor





■ Edgar Lincoln de Proença Rosa, ex-consultor e diretor da Consultoria do Senado Federal, é procurador da Fazenda

Nacional

